

**“COSTUME” E “INOVAÇÃO” NA HISTORIOGRAFIA  
LITERÁRIA BRASILEIRA: DISCUSSÃO DAS CONTRIBUIÇÕES  
DOS DIFERENTES MODELOS DE HISTORIOGRAFIA  
LITERÁRIA BRASILEIRA**

**“CUSTOM” AND “INNOVATION” IN BRAZILIAN LITERARY  
HISTORIOGRAPHY DISCUSSION OF THE CONTRIBUTIONS  
OF DIFFERENT MODELS OF BRAZILIAN LITERARY  
HISTORIOGRAPHY**

*Márcio Freire\**

RESUMO: Partindo da análise da importância da *Formação da literatura brasileira* para a renovação da historiografia literária brasileira, este artigo analisa a forma como o livro de Antonio Candido burla o formato tradicional de escrita de historiografia nacional em meio à perda de valor substancial do formato da historiografia literária. Analisa, também, a ausência de contribuição dos demais livros de historiográfica literária brasileira para a discussão do processo de formação da literatura brasileira, uma vez que estão presos ao “costume” consagrado desde o século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: processo de formação, literatura brasileira, historiografia literária.

Abstract: Starting from the analysis of the importance of formation of Brazilian literature for the renewal of Brazilian literary historiography, this article examines how the book of Antonio Candido circumvents the traditional writing of national historiography in the midst of substantial loss of value of the format literary historiography. It also analyzes the lack of contribution of the other books of Brazilian literary historiography to discuss the formation process of the Brazilian literature since they are attached to the “usual” established since the nineteenth century.

KEYWORDS: formation process, brazilian literature, literary historiography.

---

\* Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). E-mail: marciosfreire@gmail.com.



## **“COSTUME” E “INOVAÇÃO” NA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA BRASILEIRA: DISCUSSÃO DAS CONTRIBUIÇÕES DOS DIFERENTES MODELOS DE HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA BRASILEIRA**

A escrita de livros de história da literatura brasileira à maneira tradicional parece ter perdido todo o sentido e razão de ser com a institucionalização dos estudos de literatura na universidade brasileira. O esvaziamento de sua importância tem grande significado para os estudos críticos literários que se tornaram majoritariamente acadêmicos no que diz respeito à relação com a literatura e à crítica literária nas faculdades de Letras. Ocorreu de maneira condensada e intensa a partir do final dos anos 1950 e início dos anos 1960, coincidindo com o momento em que se publicava a *Formação da literatura brasileira*. Pode-se dizer que não é sem razão que o momento de institucionalização dos estudos de literatura no Brasil somado à força e à presença maciça da Teoria da Literatura nos departamentos de letras das universidades brasileiras reforçara o processo de institucionalização. Processo que trouxe novas formas de entender e de conceber o objeto literário, justificando, assim, mais uma vez, a sua institucionalização em busca de maior especialização e profissionalização. Em alguns aspectos, a institucionalização, somada à presença da teoria da literatura, e seu lugar majoritário terminam por assumir parte da responsabilidade pela perda de prestígio do formato da historiografia literária nacional. Também, neste momento, em uma coincidência de datas, o início dos anos 1960, assiste-se ao esvaziamento da importância da escrita de livros de história da literatura brasileira para os debates intelectuais após a publica-

ção da *Formação da literatura brasileira*, o último grande estudo historiográfico de fundo literário capaz de causar intenso, permanente e prolongado debate intelectual. Nesta classificação, história da literatura brasileira, foi o único livro a alterar, modificar e burlar o formato tradicional de escrita de história da literatura brasileira em seus aspectos críticos, teóricos e historiográficos, além do principal: expor a defesa de uma tese do processo de formação da literatura brasileira. Por sua importância, a *Formação da literatura brasileira* continuaria, décadas após a sua publicação, desfrutando de máximo prestígio crítico e historiográfico e, ainda, sendo objeto de estudo especializado.

Para mostrar a falta de prestígio do formato literário da história da literatura nacional, basta dizer que qualquer crítico brasileiro acadêmico faria pouco caso, menosprezaria – e mesmo colocaria em dúvida a ideia, a possibilidade e a validade, para o momento presente – a realização de um projeto de escrita da história da literatura brasileira por um de seus contemporâneos acadêmicos, ainda que a ideia fosse realizar um empreendimento à maneira coletiva, que, para muitos, é a única forma de a crítica literária dar conta da “análise exaustiva do elenco integral de obras e autores brasileiros [...] nesta fase dos estudos literários”<sup>1</sup> (MERQUIOR, 1996: 7). A recusa a tal projeto – que, para alguns, ou mesmo para muitos, seria taxado como irrealizável,<sup>2</sup> inócuo e mesmo sem importância para os estudiosos de literatura – tem, em hipótese, relação direta com o que se seguiu, no campo dos estudos de literatura e de crítica literária, ao período de institucionalização da crítica literária no Brasil, como, também, relação direta, novamente em hipótese, com a forma decisiva como a escrita de história da literatura no Brasil foi reorientada e reavaliada por Antonio Candido com a *Formação da literatura brasileira* e em outros livros nos quais o crítico retoma e discute o assunto, *Literatura e sociedade*,<sup>3</sup> *O discurso e a cidade* e *A educação pela noite*.<sup>4</sup> Em âmbito abrangente, a recusa à permanência de um formato tradicional e consagrado, po-

<sup>1</sup> Este é o ponto de vista de José Guilherme Merquior em sua “Breve história da literatura brasileira” (MERQUIOR, 1996: 7).

<sup>2</sup> Para estas observações, ver os livros de François Dosse: *A história em migalhas* e *A história do estruturalismo*; e o livro de Peter Burke *A escola dos annales, 1929-1989* (DOSSE, 1992, 1993a, 1993b; BURKE, 1990).

<sup>3</sup> Os ensaios de *Literatura e sociedade* trazem a discussão da escrita e da elaboração do formato “história da literatura” (CANDIDO, 2000).

<sup>4</sup> Ver os quatro ensaios de *Literatura e sociedade*: “Literatura e subdesenvolvimento”, “Literatura de dois gumes”, “A revolução de 1930 e a cultura” e “A nova narrativa” (CANDIDO, 2000: 169-260).

rém já insuficiente para dar resposta aos questionamentos postos pela teoria, crítica e historiografia literárias, tem relação significativa com a própria maneira de conceber as novas formas de escrita da história, de forma geral, e de como a maneira tradicional e consagrada de fazer história nacional passou a ser criticada, revista e alterada. Também tem relação direta com as novas formas de escrita da história apresentadas pela chamada *Nova História*, especificamente com a história dos anais na França e os seus desdobramentos na história das mentalidades e na “história serial” (DOSSE, 1994: 181). A “história serial” parece ter posto em suspensão, definitivamente, a crença na “racionalização de todas as dimensões do real” (DOSSE, 1994: 181) com seu modelo calcado na fragmentação, produto da força do que estava oculto nas singularidades. Fragmentação do saber histórico e, em larga medida, fragmentação e permanente especialização da concepção de todas as formas do “saber”, que, certamente, contribuiu de maneira decisiva para o esvaziamento do formato historiográfico no campo específico da história literária, domínio particular do discurso da história, atestando, também, as mudanças, profundas e significativas, que ocorreram na forma de conceber e de entender os estudos literários, no último meio século, no Brasil<sup>5</sup> e no exterior.

É inegável esse quadro cultural e institucional bem demarcado no qual se deu a influência e a importância do livro *Formação da literatura brasileira* em meio ao que se alcançará em termos de presença marcante e ostensiva da teoria da literatura e ao processo de institucionalização dos estudos de literatura na universidade brasileira. Estamos diante de um encontro de fatores significativos para o lugar que o formato historiográfico ocupará na cultura literária brasileira e que só pode ser entendido e justificado pelas circunstâncias históricas mencionadas, aceitando-se o registro singular das particularidades locais. A teoria da literatura é o ponto central. O seu destaque se justificaria porque a teoria da literatura está firmada em textos notáveis, polêmicos e programáticos de grande questionamento e inovação no campo das letras, e de autoria de teóricos estrangeiros que contribuíram para pôr de lado a escrita, a importância e o prestígio das histórias das literaturas nacionais<sup>6</sup> e a

---

<sup>5</sup> Ver, como exemplo, os ensaios de Flora Süssekind para livros que incorporam esses novos procedimentos críticos, teóricos e metodológicos.

<sup>6</sup> O balanço desse assunto pode ser buscado no livro de Antoine Compagnon, *O demônio da teoria*. Trata-se de uma reflexão sobre a força, a importância e a tirania exercidas pela disciplina “teoria da literatura” no mundo ocidental a partir da segunda metade do século XX (COMPAGNON, 1999).

forma tradicional, consagrada, de entender a literatura. São circunstâncias que revelam não mais que problemas críticos, teóricos e historiográficos que são de máxima importância para entender o processo envolvendo o objeto crítico literário nacional no Brasil. Circunstâncias que foram retomadas, parcialmente, em uma reflexão de Alfredo Bosi,<sup>7</sup> no início deste século XXI, quando o crítico afirma que “em todas as faculdades de Letras do país, (com exceção parcial de alguns cursos dados na Universidade de São Paulo), a história literária, antes hegemônica, estagnou, virando o patinho feio dos estudos de Humanidades”, fazendo com que a “série histórico-social” fosse descartada por alguns como algo que “não interessa” (BOSI, 2002: 28, 29) aos estudos literários. O diagnóstico é preciso e, para além de sua riqueza teórica e crítica, inegável, guarda algo de grande valor, um quê de testemunho, e, se olharmos para a formação e para a trajetória do crítico, de desabafo. São dilemas próprios a um processo de formação, retomados e postos nos limites contemporâneos aos críticos literários, unindo crítica, teoria e história literária à institucionalização do ensino, da pesquisa e do estudo de literatura nas faculdades de letras das universidades brasileiras no momento mais alto do período crítico “da maré dos estudos de Linguística estrutural dos anos 60-70 e a respectiva ascensão das técnicas formalistas de análise de texto” (BOSI, 2002: 28).

Para a compreensão dessa discussão sobre a crítica literária e a historiografia literária brasileira vamos partir da discussão a) da importância para os estudos de literatura no Brasil que se deu com o processo de institucionalização dos estudos de literatura – principalmente dos estudos de literatura brasileira – e de crítica literária na Universidade e da discussão b) do papel de liderança intelectual exercido por Antonio Candido durante este período, da importância suscitada pela publicação de um livro de historiografia literária como a *Formação da literatura brasileira* e do que a partir daí resultou para a literatura e para a crítica literária brasileira.

Antonio Candido, com a *Formação da literatura brasileira*, foi o responsável por selar a relação, determinante para os estudos literários na universidade, entre o nacionalismo literário e a crítica literária brasileira acadêmica. Por mais que essa relação se tenha feito em um processo de continuidade de uma tradição crítica de grande força e representatividade, experimentou uma reformulação com os novos critérios acadêmicos de concepção do

<sup>7</sup> Ver o ensaio de Alfredo Bosi, “Por um historicismo renovado. Reflexo e reflexão em história literária” (BOSI, 2002: 7-53).

objeto literário que vieram a reforçar os estudos voltados para o “assunto brasileiro” (SCHWARZ, 2004: 10). Para a historiografia literária é inegável o papel desempenhado pelo crítico na reformulação de estudos críticos e acadêmicos com a publicação da *Formação da literatura brasileira*. Trata-se de uma constatação que pode ser demonstrada, além do fato da presença recorrente e constante do livro nos debates intelectuais, na análise de algumas importantes afirmações crítico-literárias que colocam novamente o livro e seu legado em destaque, retiradas a partir da seleção dos comentários de um trecho de uma entrevista – de fundo testemunhal, mas que tem valor de depoimento e de análise de uma situação histórica e específica envolvendo a crítica literária no Brasil – com aquele que é tido por muitos como um dos mais expressivos críticos literários brasileiros acadêmicos, Davi Arrigucci Jr. Além disso, a análise da importância da *Formação da literatura brasileira* será completada com base nas análises críticas feitas a essa obra por Roberto Schwarz.

É preciso dizer que a importância da *Formação da literatura brasileira*, mensurada ou mesmo reduzida no mais importante em sua especificidade a partir de qualificações técnicas como “a mais influente *teoria da literatura brasileira*” (BAPTISTA, 2005: 41, grifo nosso), “o mais lúcido e elegante (enquanto articulação do modelo explicativo) ensaio de reconstrução historiográfica de nossa evolução literária” (CAMPOS, 1989: 12) e “a *teoria da crítica em Antonio Candido*” (MERQUIOR, 1979: 121, grifo nosso) é ressaltada pela maioria dos críticos literários brasileiros e estrangeiros como o livro mais importante e o único a desenvolver uma tese literária para o processo de formação da literatura brasileira que delinea os fundamentos e os princípios de uma teoria crítica da literatura brasileira.<sup>8</sup>

\*\*\*

Quando Davi Arrigucci Jr. afirma, em “Questões sobre Antonio Candido”, que no momento em que ingressou como estudante do curso de letras na Universidade de São Paulo, no ano de 1961, demorou a encontrar apoio

---

<sup>8</sup> Talvez seja essa classificação, livro de tese, que dá à *Formação da literatura brasileira*, na condição de historiografia literária, a sua maior particularidade, fugindo, assim, às categorias próprias aos gêneros literários dessa natureza que são encontradas em livros como a *História da literatura brasileira*, de Sílvio Romero, e a *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi.

bibliográfico para o que buscava “diante da necessidade de compreensão crítica das obras literárias que tinha que examinar” (2010: 211), a sua afirmação serve para que se possa entender melhor a complexidade que a literatura moderna exigia da crítica literária brasileira e estrangeira. O crítico segue em sua entrevista-depoimento e afirma que, após a emoção das leituras das obras de Erich Auerbach, Leo Spitzer e Dámaso Alonso, a decisiva e mais próxima descoberta foram os livros do professor e crítico Antonio Candido, “que mudava de fato naqueles anos a direção dos estudos literários na universidade brasileira, abrindo-os para a reflexão sobre a literatura moderna, para os problemas teóricos críticos das disciplinas recentes de teoria literária e literatura comparada” (ARRIGUCCI JR., 2010: 212). Na afirmação, Davi Arrigucci deixa explícita a atuação institucional e profissional de Antonio Candido e a influência que ele exerceu sobre as novas gerações de estudiosos de literatura que ingressavam nas faculdades de letras das universidades brasileiras, especialmente na Universidade de São Paulo.

De acordo com o que afirma Davi Arrigucci, e também com o que destaca Roberto Schwarz no ensaio “Saudação *honoris causa*”, coube a Antonio Candido, ainda que bastante jovem, em torno dos 40 anos, assumir e desempenhar a função de liderança intelectual em uma atividade nova – no que diz respeito às novas formas e aos novos métodos de trabalho acadêmico dos críticos literários – para a crítica literária brasileira, fazendo o papel decisivo para a literatura e a crítica literária brasileiras na universidade ao realizar a “ligação do debate literário ao dínamo da pesquisa acadêmica” (SCHWARZ, 1999: 10). A aliança entre literatura, crítica, teoria literária e pesquisa acadêmica sob o aval do processo de institucionalização da universidade brasileira era inevitável nas atividades exercidas por Antonio Candido no início dos anos 1960. A realização, no Brasil, deste trabalho de “ligação do debate literário ao dínamo da pesquisa acadêmica” não fora feito somente por Antonio Candido. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Afrânio Coutinho desempenharia um papel de máxima importância neste sentido ao empreender, de maneira insistente, uma verdadeira “guerra” em favor da profissionalização do crítico literário no Brasil.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Ver os artigos do livro *Da crítica e da nova crítica*. Trata-se de um conjunto extenso de artigos de crítica literária que Afrânio Coutinho publicou durante a década de 1950 em jornais cariocas e nos quais defende de maneira sistemática a profissionalização dos estudos de literatura na universidade brasileira com base em uma rigorosa formação científica e acadêmica nas faculdades de Letras (COUTINHO, 1957).

Os comentários destacados foram feitos por dois ex-alunos de Antonio Candido e foram retirados, respectivamente, de um dos trechos da entrevista-depoimento de Davi Arrigucci Jr. e do discurso “Saudação *honoris causa*”, redigido e lido por Roberto Schwarz na cerimônia em que a Universidade Estadual de Campinas outorgou o título de doutor *honoris causa* a Antonio Candido,<sup>10</sup> que teve uma passagem por essa instituição para criar o seu Instituto de Estudos da Linguagem.

Davi Arrigucci Jr. viveu, como estudante e, posteriormente, como professor do curso de Letras da Universidade de São Paulo, na graduação e na pós-graduação, todo o processo de institucionalização dos estudos de literatura no Brasil. Em outro trecho da entrevista-depoimento, no mesmo parágrafo já citado anteriormente, e sem interrupção – o que serve para destacar, na fala do crítico, a relação unitária entre o processo de institucionalização do ensino de literatura no Brasil e os novos rumos da historiografia literária brasileira com a publicação da *Formação da literatura brasileira* –, o crítico faz a avaliação da importância da publicação da *Formação da literatura brasileira* para a historiografia literária nacional quando diz que a descoberta de Antonio Candido fora decisiva, também, e, sobretudo, para chegar a “uma visão diferente de nosso passado literário com sua *nova concepção de história da literatura*, tal como a formulara na *Formação da literatura brasileira*” (ARRIGUCCI Jr., 2010: 212, grifo nosso). Fica expresso como a *Formação da literatura brasileira* romperá com um modelo consagrado de historiografia literária uma vez que Davi Arrigucci Jr. fala em “nova concepção de história da literatura” (2010: 212).

Esses são problemas comuns à crítica literária brasileira que, a partir dos anos 1960, são postos em novo contexto, o meio intelectual brasileiro acadêmico. Contexto em que a reflexão crítica se volta para a forma como a crítica da literatura, o seu estudo, a sua pesquisa e a sua escrita passaram a ser entendidas e, daí por diante, como essa forma de ser pensada altera substancialmente a relação que os críticos literários brasileiros sempre tiveram com este gênero textual de expressão literária, a escrita de história da literatura brasileira, e, também, altera a relação que os críticos tiveram com as demais formas de entender, avaliar e julgar o objeto literário.

Diante de tais circunstâncias, a crítica literária passou a entender que a riqueza e o verdadeiro sentido da literatura, da crítica literária e da historio-

---

<sup>10</sup>(Cf. SCHWARZ, 1999: 9-16).

grafia da literatura que até então estavam concentradas nas histórias das literaturas nacionais poderiam se encontrar em outro lugar. Não se encontrariam de maneira significativa somente na ideia de conjunto nacional orgânico de autores e obras que se viam nestas sínteses de amplo espectro e que, postas em relevo, contribuíam para a própria afirmação da identidade nacional através do destaque dado ao conjunto da cultura literária nacional pela relevância de traços comuns partilhados por seus escritores de maior significação.

Em termos específicos ao estudo da literatura, o que entrara em crise fora o próprio modelo historiográfico com a sua ausência de vitalidade e de problematização de seus elementos constituintes diante da presença da teoria da literatura e das particularidades que a institucionalização dos estudos crítico-literários trouxe e impôs aos estudiosos. Muitas vezes esses elementos constituintes dos mais diferentes processos literários sequer existiam para o historiador da literatura, sendo preciso que ele os definisse e caracterizasse como se deu para a elaboração da *Formação da literatura brasileira*. No caso brasileiro, tal como posto em sua complexidade, o principal elemento constituinte de grande significação que estava ausente dos compêndios historiográficos era a discussão do processo de formação da literatura nacional e o que em sua concepção e em seus resultados se revelavam. O reconhecimento do processo de formação e a colocação desse reconhecimento em discussão pôs em destaque a necessidade de formulação dos elementos constituintes do processo de formação. Com a ausência da pesquisa e do debate em torno desse processo, havia a ausência da definição de suas prerrogativas e de seus postulados críticos que pudessem dar conta da complexidade do processo de entendimento e de explicação por parte dos críticos dos maiores e mais significativos dilemas da literatura brasileira. Diante disso, a *Formação da literatura brasileira*, com o seu modelo de historiografia adotado, um compêndio historiográfico baseado, sobretudo, no “estudo de obras” e com base em “ideias teóricas [...] que se ligam organicamente a este designo” (CANDIDO, 2006: 17), fora concebido como um livro de teoria da literatura brasileira que objetivava uma reconstrução historiográfica de nossa evolução literária, sendo centrado em dois períodos específicos e tendo alguns poucos pressupostos crítico-teóricos bem definidos como guia. Assim, tendo alcançado esses resultados visava a definir um processo de formação que radicalizaria com o ponto de vista consagrado ao romper com o tradicional e amplo “critério de alta seletividade” (MERQUIOR, 1996: 7) que até então imperava e continuou a imperar mesmo após a sua publicação.

Nos demais historiadores da literatura brasileira, todos de grande importância como Sílvio Romero, José Veríssimo, Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi e José Guilherme Merquior, este “critério de alta seletividade” (MERQUIOR, 1996: 7) tinha seu início a partir de princípios dos anos 1500 e chegava até a altura de meados da segunda metade dos anos 1900, para os últimos dois. Tratava-se, comumente, de um projeto no qual o leitor sempre encontraria “os principais autores brasileiros” (MERQUIOR, 1996: 7) de todos os períodos literários e a lista de todas as suas obras. Constituiu-se, durante muito tempo, como o único critério, e mesmo como o único modelo historiográfico existente, usado não somente por todos os historiadores da literatura brasileira, mas, também, aceito pelos demais críticos literários e, inclusive, por aqueles historiadores que vieram a publicar sua história da literatura brasileira após a publicação da *Formação da literatura brasileira* no alto dos anos 1970 do século XX. E o modelo desfrutava de tanto prestígio que os demais críticos literários o aceitavam sem mais motivo ou razão relevantes.

Na universidade, com o processo de institucionalização do saber literário houve, em detrimento da perda de *valor substancial*<sup>11</sup> do formato historiografia literária nacional e daí da perda do interesse e do prestígio pela escrita de história da literatura, um grande crescimento e destaque para a teoria da literatura como disciplina e como método crítico. A partir daí, a força centrípeta da teoria literária atuou de tal forma que o interesse intelectual da maioria dos críticos e dos estudiosos de literatura se voltou para os estudos mais especializados e específicos, definindo o padrão daquilo que seria o “estudo sistemático do fenômeno literário” (CANDIDO, 1988: 17) em autores e obras, e, também, o desenvolvimento da crítica moderna propriamente dita no Brasil, ou seja, uma crítica mais aderente aos princípios teóricos. Porém, neste caso, crítica literária moderna feita em moldes acadêmicos e já completamente tomada pela determinação majoritária do processo de institucionalização, por vezes se fazendo a partir do esforço de análise e de interpretação direta da obra e dos autores a partir de problemas particulares e isolados de feição puramente teórica como autoria, fonte, influência, estrutura, *mimesis*, método e aplicação direta de conceitos onde prevalece um grande número de estudos envolvendo questões literárias de fundo temático.

<sup>11</sup> O destaque em itálico é nosso. Por *valor substancial* entenda-se a capacidade de contribuição, efetiva, do modelo de historiografia literária nacional para o ensino, a pesquisa e o debate em torno das mais diferentes questões literárias.

Claro está que não há uma única razão para este tipo de mudança que poderia explicar a perda de valor substancial deste tipo de historiografia do objeto literário e que se justificaria, em parte, pelo que pode ser inferido dessas transformações com relação à teoria da literatura e ao processo de institucionalização. No entanto, é inegável que essa perda de valor substancial – seja como referência intelectual, definição de critérios críticos e historiográficos de avaliação e julgamento, capacidade intrínseca de gerar debates críticos literários ou, mesmo, capacidade de buscar entendimento, explicação e sentidos específicos para problemas particulares da literatura brasileira – se trata de uma perda sinalizada por características internas próprias aos compêndios de história da literatura, em seus aspectos formais, e pela mudança de entendimento do objeto crítico-literário, uma vez que partimos das próprias histórias da literatura nacionais, das críticas que foram feitas a estas histórias e dos rumos que os estudos de literatura tomaram para chegar a esses pontos de vista da situação concreta dos estudos literários no Brasil. Diante disso, poderia se perguntar qual das histórias da literatura brasileira publicadas neste período, compreendendo a segunda metade do século XX, foi objeto de estudo, apreciação, comentário, crítica e polêmica à exceção da *Formação da literatura brasileira*? Sem deixar de mencionar, como de resto já destacado, a própria situação de crise que os estudos de história, à maneira tradicional, e os próprios métodos e técnicas de historiar irão enfrentar, colocando em dúvida a credibilidade e a eficácia desta forma de discurso que sempre foi feita em relação próxima à ideia do nacional em literatura.

É preciso deixar claro que o modelo tradicional e consagrado de escrita de história da literatura nacional continuou, apesar da perda de seu valor substancial, com certo prestígio entre alguns críticos literários brasileiros durante a segunda metade do século XX. Essa permanência mostra que havia carências, ainda que fossem de ordem pessoal, institucional ou mesmo didático-pedagógicas de produção crítico-intelectual nesse sentido, apesar de livros dessa natureza não ocuparem mais um lugar de grande destaque na cena intelectual brasileira. Essa afirmação pode ser demonstrada com base nos livros de historiografia literária que se produziram a partir deste momento. Assim, mesmo diante desta situação constatada, foram publicados, após o aparecimento da *Formação da literatura brasileira*, e mesmo a despeito da sua grande influência intelectual e importância crítico-literária, a *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi, em 1970, no qual há finas e seguras análises literárias e em que o crítico demonstra uma impressionante capaci-

dade de leitura<sup>12</sup> e de síntese, e, ainda, *De Anchieta a Euclides. Breve História da Literatura Brasileira*, de José Guilherme Merquior, publicado em 1977.

Os dois exemplos, significativos e inegavelmente de grande destaque, mostram que ainda havia contribuições a serem dadas neste sentido, apesar de praticamente o grosso de todo o trabalho intelectual da crítica posterior se resumir aos estudos de obras isoladas ou ao estudo de problemas críticos, teóricos e históricos em sua maioria pontuais em obras e em autores específicos. Isso veio a destacar aquilo que se chamou tradicionalmente de história da literatura brasileira com a sua enumeração de épocas literárias distintas e nada complementares. Mereceria uma leitura, análise e interpretações renovadas e particulares para que se pudesse obter, daí, o mínimo aceitável de compreensão. Mostrava, também, que essas análises e interpretações trazidas pela teoria da literatura e pelas novas formas de se enfrentar o objeto literário colocavam em dúvida e revelavam a insuficiência dos modelos consagrados de historiografia literária nacional em vários de seus aspectos fundamentais. Diante desse quadro praticado pelos críticos literários acadêmicos e do rumo tomado pelos estudos de literatura na universidade, é preciso dizer que a permanência e o interesse de alguns críticos pela historiografia à maneira tradicional, e a permanência de tal modelo historiográfico do objeto literário a esta altura do século XX, os anos 1970, quando os estudos literários já há muito tomaram outro rumo para se entender a história da literatura no Brasil, suscita muitas perguntas. Seria possível enxergar aí a revelação de um passo em falso ou o desacerto por parte dos críticos, que, nesse período, publicaram seus livros de historiografia literária, uma vez que esses livros não mais despertariam interesse acadêmico e intelectual entre as atuais gerações de críticos literários, de pesquisadores e de estudiosos de literatura? Estaria aí a indicação de que essa atitude se somaria às demais dessa natureza, já caracterizadas, que se enquadrariam na pergunta feita por Roberto Schwarz no título *Que horas são?*, pondo em cena novamente *o atraso do relógio das horas intelectuais no Brasil*,<sup>13</sup> indicando o desacerto, o atraso, ou a perda do

<sup>12</sup> Para quem leu, estudou e trabalhou em sala de aula com o livro de Alfredo Bosi, *História concisa da literatura brasileira*, é impressionante a constatação de que o autor leu tudo – de perto e com grande interesse intelectual – da obra de todos os autores mencionados e estudados no livro, que são em número muito grande.

<sup>13</sup> O destaque em itálico é nosso. A imagem do relógio é uma constante na obra do crítico Roberto Schwarz, sendo sempre usada para se referir ao desacerto das posturas e dos assuntos intelectuais no Brasil. Ver o comentário de Flora Süssekind em seu ensaio sobre os críticos Davi Arrigucci e Roberto Schwarz (SÜSSEKIND, 2002: 37-56).

referencial do momento das contribuições críticas desses livros ao debate literário que essas obras comumente costumam estabelecer e, claro, dava relevo à fragilidade do meio intelectual brasileiro, tentando acertar o passo das horas, sempre com atrasos em seu relógio intelectual? Se for aceito que a pergunta formulada pelo crítico seja colocada perante os empreendimentos editoriais dos anos 1970, no campo da historiografia literária, revela mais um dos aspectos da questão do esforço de *ajustamento intelectual* e, ainda, mostra que os ensaios de Roberto Schwarz não estão situados, por acaso, justamente com base em interrogações crítico-literárias próprias às décadas de 1960, 1970 e 1980 do século XX.

Apesar dos méritos inegáveis, da qualidade dos dois livros, da contribuição intelectual e da importância das duas obras para os estudos de literatura brasileira, e mesmo para o desenvolvimento dos demais trabalhos dos dois críticos, as suas histórias da literatura brasileira não trouxeram significativas contribuições importantes e destacadas à teoria da literatura brasileira, à discussão de conceitos críticos literários, de método, de valor. Não potencializaram nenhum debate sobre questões cruciais de crítica literária e de escrita de história da literatura nacional, ou mesmo de questões capitais para a crítica literária brasileira. Não modificaram, minimamente, mesmo que seja sobre a rubrica da dúvida, o cânone literário nacional – objeto e razão de ser da escrita dos dois livros –, não trouxeram consigo nenhuma polêmica, nada que pudesse questionar ou pôr em dúvida a validade e os princípios de redação do modelo tradicional e consagrado de escrita de história da literatura para a literatura brasileira desde fins do século XIX, e, importante nesta pesquisa, não polemizaram ou discutiram sequer os pressupostos teóricos gerais expressos na *Formação da literatura brasileira*: origem, formação, literatura, manifestações literárias, sistema literário, literatura integrada, literatura empenhada, tradição, assimilação e continuidade, ideal e projeto romântico e nacionalismo literário etc. São dois livros que, pelo formato adotado, guardam silêncio sobre conceitos fundamentais para entender e explicar a literatura brasileira em seus aspectos críticos, teóricos e historiográficos. São projetos historiográficos que passaram ao largo daquilo que a *Formação da literatura brasileira* poria em evidência.

Desde o momento em que foram elaborados, os primeiros compêndios de historiografia literária brasileira, os livros de Sílvio Romero e José Veríssimo, constituíram-se como referência para os estudos de literatura brasileira e, também, à maneira do que se faria posteriormente, já denunciavam a força

e a fragilidade do modelo. Em hipótese, os livros de Alfredo Bosi e José Guilherme Merquior, por não oferecerem nenhum reparo, nenhum senão a estes dois modelos tradicionais, naquilo que seria essencial e esperado, parecem ser duas obras relegadas, postas de lado, e que jamais vieram a ocupar o primeiro plano do debate de ideias para a crítica literária e para os estudiosos de literatura no Brasil, uma vez que no modelo adotado de historiografia literária a contribuição de análise individual de autores e de obras se faz de maneira muito restrita, resumindo-se, na maioria das vezes, em três ou cinco páginas, o que é comum nas historiografias deste gênero, indicando, no máximo, salvo as exceções, se as houver, seus aspectos gerais. Ao contrário do modelo consagrado na universidade, com os estudos acadêmicos que dão o destaque, geralmente, à obra, em pesquisas monográficas, e não ao autor com estudos mais específicos, esses dois livros de historiografia literária, como os demais do gênero, dão mais destaque ao autor, e ao conjunto de suas obras, e não a obras individualizadas ou aos problemas de fundo crítico no contexto historiográfico.

Essas questões discutidas nesses parágrafos compõem um conjunto de princípios e normas que parecem ser uma regra comum aos livros de historiografia literária brasileira e dizem respeito à crítica e à teoria literárias brasileiras. Indicam as normas preestabelecidas que foram, em princípio, burladas pela *Formação da literatura brasileira*. É preciso dizer que, também, as regras tradicionais e a forma de ver e de entender a escrita de história da literatura nacional, ainda que não tenha sido burlada por outro livro – *O sequestro do Barroco na formação da literatura brasileira* –, foram, parcialmente, questionadas e postas em suspensão no momento em que Haroldo de Campos questiona o método e os pressupostos críticos e teóricos empregados por Antonio Candido na *Formação da literatura brasileira*, mesmo que não se tenham feito leituras sistemáticas e críticas do livro de Haroldo de Campos para checar à validade dos seus questionamentos, ou mesmo para que eles sejam colocados à prova, verificados e discutidos. *O sequestro do Barroco na formação da literatura brasileira* ganha destaque, ocupando um lugar diverso do lugar ocupado pela *Formação da literatura brasileira*, justamente por potencializar o debate a partir da recusa das questões críticas e teóricas expressas no livro de Antonio Candido. A relação entre os dois livros é estreita e inquestionável. O debate se dará em torno de valores crítico-literários e historiográficos predominantes entre os críticos literários brasileiros, estando todos eles ligados às questões próprias

ao nacionalismo literário. No livro de Haroldo de Campos se dá de outra maneira, muito diversa, se pensarmos no empreendimento historiográfico de Afrânio Coutinho, *A literatura no Brasil*. Em certa medida, *A literatura no Brasil* foi elaborado como uma resposta e uma contestação à *Formação da literatura Brasileira*.<sup>14</sup> Também, pode-se dizer com relação ao livro de Haroldo de Campos que a leitura crítica presente em *O sequestro do Barroco na formação da literatura brasileira* parece não ver a mínima importância nos demais livros de historiografia literária brasileira além do livro de Antonio Candido, uma vez que os mantém completamente fora da discussão e de seus questionamentos críticos, teóricos e historiográficos. Tudo isso a despeito de *O sequestro do Barroco na formação da literatura brasileira* não ser um livro de história da literatura brasileira, *lato sensu*, como é o caso dos demais livros destacados.

\*\*\*

De acordo com o ponto de vista adotado por Leda Tenório da Motta, *O sequestro do Barroco na formação da literatura brasileira* colocaria em dificuldade a validade da tese central da *Formação da literatura brasileira*. Essa dura restrição ao pensamento crítico, teórico e historiográfico de Antonio Candido por parte das ideias críticas e teóricas de Haroldo de Campos é verbalizada, por Leda Tenório da Motta, uma vez que ela reconhece, ou mesmo anuncia para a crítica, em livro anterior,<sup>15</sup> pode-se dizer que de maneira crítica um pouco isolada, que os dois críticos, Antonio Candido e Haroldo de Campos, seriam os responsáveis por “duas bases de lançamento para duas correntes de pensamento” (MOTTA, 2002: 43) crítico literário e cultural no Brasil, sendo essas “bases de lançamento” as revistas *Clima*, nos anos 1940, e *Noigandres*, nos anos 1950.

De acordo com as opiniões de Leda Tenório da Motta, a crítica acadêmica no Brasil se dividiria em dois pontos de vista distintos e excludentes.

---

<sup>14</sup> É possível dizer que *A literatura no Brasil* é um projeto historiográfico que tem o objetivo de contestação de muitos dos pressupostos críticos e teóricos da *Formação da literatura brasileira*.

<sup>15</sup> MOTTA, L. T. da. O arbusto de segunda ordem no jardim das musas. In: DURÃO, SANTOS; SILVA (Org.), s/d. Ver a citação do texto de Leda Tenório da Motta, à página 116: “o autor [Haroldo de Campos] põe em dificuldade a tese de Antonio Candido segundo a qual ‘a nossa literatura é galho secundário da portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem no jardim das musas’”. Leda Tenório da Motta destaca as críticas aos fundamentos sobre o processo de formação da literatura brasileira feitas por Haroldo de Campos.

Leda Tenório da Mota faz a observação, divide a crítica literária brasileira em duas e não explica o lugar, na crítica literária brasileira acadêmica, dos demais críticos literários brasileiros, pressupondo-se que todos eles estariam filiados a um destes dois modelos exclusivos. A divisão crítica contemporânea no Brasil, sendo própria da universidade, em hipótese, e a partir do ponto de vista em que Leda Tenório da Mota aborda a questão, é tida como instaurada pelas duas revistas sob a liderança dos dois respectivos críticos. Em capítulo específico de *Sobre a crítica literária brasileira no último meio século*, intitulado “Quando é ‘pós-tudo’? sobre *Clima* e *Noigandres*, as revistas, os grupos, os *parti pris*” (MOTTA, 2002: 43), Leda Tenório da Motta retoma e discute ideias de Antonio Candido e Haroldo de Campos e revê, de maneira um tanto parcial, a polêmica em torno do poema de Augusto de Campos, “Pós-tudo”,<sup>16</sup> no sentido de destacar as limitações do modelo crítico e historiográfico em que Antonio Candido estaria representado pela abordagem crítica que Roberto Schwarz fizera. De acordo com Leda Tenório da Motta, a leitura crítica do poema de Augusto de Campos feita por Roberto Schwarz seria reveladora das limitações da crítica literária que se instalara na Universidade de São Paulo à sombra das ideias de Antonio Candido. A polêmica foi travada durante os meses de março e abril de 1985 nas páginas do “Folhetim”, suplemento dominical do jornal *Folha de São Paulo*,<sup>17</sup> hoje extinto, que envolveu como cabeças da disputa Roberto Schwarz e Augusto de Campos. Leda Tenório da Motta usa a polêmica para reafirmar as posições, de acordo com o seu ponto de vista, superiores das ideias de Haroldo de Campos sobre os pressupostos crítico-teóricos de Antonio Candido, que estariam engessados pela abordagem sociológica. Reduzir a crítica literária de Antonio Candido e Roberto Schwarz à mera especulação sociológica é imperar a discussão e assinar recibo de parcialidade acrílica. A crítica Leda Tenório da Motta vê na polêmica uma disputa que colocaria em evidência os dois pontos de vista crítico-literários predominantes na crítica literária brasileira do último meio século.

O livro de Haroldo de Campos tem um árduo objetivo a ser alcançado, uma vez que se propõe a questionar os pressupostos teóricos de um livro que no momento em que Haroldo de Campos publica a sua crítica está fazendo

---

<sup>16</sup> Para ter acesso aos respectivos textos que deram margem à polêmica, ver: (SCHWARZ, 1987: 57-66).

<sup>17</sup> Ver, para a polêmica entre Augusto de Campos e Roberto Schwarz, *Literatura e vida literária* (SUSSEKIND, 2004: 66-70).

30 anos de publicação e cujos fundamentos a que pertence e que os legou, na condição de transmissão crítica à cultura brasileira continuam com grande destaque em alguns dos meios acadêmicos brasileiros e, ainda, despertando grande interesse intelectual. Como se isso não fosse um obstáculo de grande dificuldade a realizar pela crítica empreendida por Haroldo de Campos, Leda Tenório da Motta afirma que se ergueu, sobre *O sequestro do Barroco na formação da literatura brasileira*, “há mais de 15 anos”, um “veto” que o coloca “ausente de nossas discussões acadêmicas” (MOTTA, s/d: 117). A crítica faz a afirmação e a deixa sem a devida discussão, mostrando que em sua opinião o veto seria um capricho, uma recusa pura e simples dos leitores e críticos literários brasileiros ao livro de Haroldo de Campos.

\*\*\*

Vamos olhar para alguns dos livros de história da literatura no Brasil que precederam e que sucederam a *Formação da literatura brasileira*. São livros que foram mencionados e teriam importância para destacar, ainda que parcialmente, o livro de Antonio Candido no que diz respeito à sua elaboração, a seus pontos de vista adotados, e, ainda, destacaria a atuação de Antonio Candido como crítico literário para, a partir daí, avaliar a sua importância para a crítica literária brasileira. Se olharmos para os dois livros mais importantes que precederam a *Formação da literatura brasileira*, estaremos diante de dois grandes críticos com seus importantes estudos de historiografia literária, Sílvio Romero – “o fundador da crítica moderna no Brasil” (CANDIDO, 1988: 17) –, com a sua *História da literatura brasileira*, publicada, à época, em dois volumes, e José Veríssimo, com a sua *História da literatura brasileira*. Depois desses dois, há aquele que é o único crítico contemporâneo a Antonio Candido, que fará um trabalho importante neste sentido, Afrânio Coutinho,<sup>18</sup> publicando a sua história da literatura brasileira em seis volumes. É preciso dizer que *A literatura no Brasil* não exerceu nenhuma influência intelectual, crítica ou metodológica junto à publicação da *Formação da literatura brasileira*, naquilo que se refere aos primeiros livros da coleção, e, também, ao que consta, não exerceu influência metodológica na elaboração dos livros de Alfredo Bosi e José Guilherme Merquior.

---

<sup>18</sup>(COUTINHO, 1986).

Como o livro de Afrânio Coutinho, *A literatura no Brasil*, é o único, dos livros mencionados, contemporâneo ao livro de Antonio Candido, e os livros de Alfredo Bosi e de José Guilherme Merquior são muito posteriores, as obras de Sílvio Romero e José Veríssimo são os dois únicos modelos nacionais anteriores à *Formação da literatura brasileira* que influenciaram Antonio Candido na redação de seu livro<sup>19</sup> e, até certo ponto, dois modelos que poderiam ser tomados como contemporâneos entre si, apesar de José Veríssimo ter publicado seu livro em 1912, dois anos antes da morte de Sílvio Romero, em 1914, quando este, há mais de 25 anos, já havia publicado a sua *História da literatura brasileira*. Tanto Sílvio Romero quanto José Veríssimo, e os demais críticos-historiadores mencionados, à exceção de Antonio Candido, praticaram o tradicional “costume” de “iniciar a história da literatura nacional pelo exame das obras escritas, quase sempre sem intenção artística [...] nos dois primeiros séculos do Brasil” (MERQUIOR, 1996: 12), indicando, também, ora de maneira explícita, ora de maneira implícita, que aí estaria a sua origem e, por ser assim, não caberia maior discussão. Na visão desses críticos, o início de abordagem da historiografia da literatura brasileira se confundia com a noção de origem da literatura brasileira, que, por sua vez, se confundia com a chegada dos portugueses e os primeiros registros documentais. Isso ocorreu sem que esses historiadores se interessassem em abordar, separar e discutir as noções de “origem”, início e registro histórico, o que requereria, como ficou mostrado a partir da publicação da *Formação da literatura brasileira*, um instrumento crítico e teórico apropriado às particularidades e às circunstâncias locais para que se pudesse argumentar a partir de um ponto de vista crítico e historiográfico.

Na observação de José Guilherme Merquior, a referência ao “problema” de natureza crítica e teórica que não deveria escapar a nenhum estudioso da literatura brasileira foi incorporada por todos os historiadores, à exceção de Antonio Candido, acriticamente. Trata-se da incorporação e da consideração por parte do historiador das “obras escritas [...] sem intenção artística”

---

<sup>19</sup>Essa influência que os dois críticos literários, Sílvio Romero e José Veríssimo, com as suas respectivas obras historiográficas exerceram sobre a formação intelectual de Antonio Candido é sempre mencionada por ele em prefácios, entrevistas e depoimentos. Por exemplo, no prefácio da 1. edição da *Formação da literatura brasileira* e, no caso específico de Sílvio Romero, pode ser comprovada pelo minucioso estudo que Antonio Candido consagrou à obra do autor em sua tese de livre-docência, defendida em 1945 junto à Universidade de São Paulo, intitulada “O método crítico de Sílvio Romero” (CANDIDO, 2006: 3; CANDIDO, 1988).

e consideradas como parte inicial e comum ao conjunto da “história da literatura nacional” (MERQUIOR, 1996: 12). Problema que, de acordo com o ponto de vista adotado, altera completamente o entendimento da noção de “história da literatura brasileira” (MERQUIOR, 1996: 12). Sendo esse um “costume” arraigado, comum e praticado por historiadores e críticos literários, a partir daí, de sua repetição como modelo, tornou-se mais que um “costume” arraigado, *um hábito crítico-historiográfico bem fundamentado que deu força a determinados pressupostos críticos e suas interpretações*, fazendo com que os críticos comumente iniciem sua escrita da história da literatura no Brasil a partir do que se convencionou chamar o descobrimento, sob as manifestações culturais que tiveram início com a sociedade colonial, e, sempre, a partir desse ponto de vista, destacando um início que se confunde com o “descobrimento” do país para se definir a origem da literatura brasileira. Trata-se de uma hipótese, baseada na afirmação e no raciocínio expressos anteriormente, de que a permanência do “costume” ou modelo, ou norma tenha contribuído de alguma maneira para enfraquecer a crítica historiográfica brasileira ao deixar de lado a discussão, e mesmo para se estabelecer critérios para a discussão do processo de formação, e com ele as noções de início e de origem. Para exemplificar, basta vermos como José Veríssimo começa o capítulo inicial de sua história da literatura brasileira que se intitula “A primitiva sociedade colonial” (VERÍSSIMO, 1998: 31). Alfredo Bosi, mais de meio século depois, não toma uma posição diversa e inicia o seu compêndio historiográfico com o seu capítulo inicial que se intitula “A condição colonial” (BOSI, 1994: 9). José Guilherme Merquior segue o mesmo caminho e adota o “costume” com um capítulo inicial que se intitula “O espírito da colonização: a literatura de celebração e conhecimento da terra” (1996: 12). Se for difícil avaliar os porquês da permanência do modelo, não será difícil avaliar o enfraquecimento historiográfico que ele determina. Os críticos literários e historiadores se acostumaram a localizar aí, neste momento político e histórico específico, sob a presença forte da cultura portuguesa, o início e a origem da literatura brasileira, resenhando e comentando as obras de seus primeiros cronistas, colonos ou viajantes e seus relatos mais variados sobre o Brasil, onde não se distingue, de todo, as manifestações culturais, geralmente de fundo diverso do propriamente literário e estético, não se separando ou mesmo não se opondo “manifestações literárias” de “literatura propriamente dita” (CANDIDO, 2006: 25) – uma das distinções fundamentais, e pertinentes, para se discutir critérios de for-

mação, feitas por Antonio Candido na *Formação da literatura brasileira*, e o que seria parte de uma instrumentação crítico-teórica apropriada para fazer a definição do termo formação da literatura brasileira.

Com isso, em livros anteriores e posteriores à *Formação da literatura brasileira*, como os mencionados, fica claro que há ausência da ideia de formação, que não se confunde com início, e, mesmo, aquilo que seria mais relevante, ausência de discussão do processo de formação da literatura brasileira em termos críticos e historiográficos. Uma inovação significativa, julgando-se que o arcabouço teórico e os pressupostos críticos foram elaborados por Antonio Candido para dar conta de historiar o processo de formação da literatura brasileira sem os quais não seria possível a realização do livro.<sup>20</sup> Foi justamente como negação a esse ponto de vista consagrado, até então aceito por todos os críticos e historiadores, que o livro de Antonio Candido começou a marcar a sua diferença. As críticas e as restrições à *Formação da literatura brasileira* começam, também, na crítica a essas distinções, “Manifestações literárias” e “literatura propriamente dita”. Distinções que definem critérios para se falar em processo de formação literária e coloca de lado, em segundo plano, a ideia de origem, de começo, porque as traz embutidas no termo, já por si só de definição complexa.

Em se tratando de livros anteriores à *Formação da literatura brasileira*, a contribuição para a discussão das questões problematizadas no livro de Antonio Candido é pequena pelas particularidades que são evidentes a cada um desses livros de maneira particular. O mesmo pode ser dito para os livros posteriores. Naturalmente que não se discute o débito com Sílvio Romero pelo estudo realizado de seu método crítico.<sup>21</sup> No livro de José Veríssimo, pelo mérito de estabelecer um ponto de partida estético que poderia mensurar um ponto de vista crítico-literário para se discutir a questão de origem. Com relação aos livros posteriores à *Formação da literatura brasileira*, os de Alfredo Bosi e José Guilherme Merquior, poder-se-ia dizer que não há, de fato, contribuições à discussão.

Desses livros de historiografia literária, se pode dizer que não entram nas discussões crítico-literárias significativas e importantes para se pensar uma historiografia literária nacional e não se envolvem nas discussões dos

---

<sup>20</sup> Ver, para uma melhor enumeração e discussão desse arcabouço teórico e dos pressupostos críticos do livro *Formação da literatura brasileira*, o livro de Paulo Arantes, *Sentido da formação* (ARANTES; ARANTES, 1997: 7-66).

<sup>21</sup> (CANDIDO, 1988).

aspectos do processo formativo da literatura brasileira, apesar de tocarem no assunto<sup>22</sup> que é, em praticamente todos eles, posto de lado quando se diz, grosso modo, que a literatura brasileira começa com “um complexo colonial de vida e de pensamento” (BOSI, 1994: 11) visível em sua prosa “documental” (MERQUIOR, 1996: 12) de notícias do país. É possível frisar que essa atitude dos críticos-historiadores ocorre quando a ideia de origem, de início, de identidade própria ou de formação da literatura brasileira, de maneira específica, já fora mencionada,<sup>23</sup> ainda que parcialmente e mesmo de maneira incipiente, já se constituía como dilema importante e, também, constituía-se como assunto corrente e de discussão comum desde ao menos o início da primeira metade do século XIX, com os mais significativos ensaios dos primeiros historiadores da literatura brasileira.<sup>24</sup> Somente com a publicação da *Formação da literatura brasileira*, o “costume” de “iniciar a história da literatura nacional pelo exame das obras escritas, quase sempre sem intenção artística” (MERQUIOR, 1996: 12), é posto em discussão, questionado em sua validade e colocado em dúvida para ser logo deixado de lado, mostrando que a sua singularidade para destacar aspectos importantes do processo de formação da historiografia literária brasileira é praticamente nula. Com a *Formação da literatura brasileira* e seu modelo historiográfico adotado, essas citações iniciais e muito comuns deixam de existir para parte dos críticos literários. Ainda poderia ser dito que o livro de Antonio Candido traz contribuições tão significativas e distantes do modelo consagrado que afeta o interesse desses mesmos intelectuais pelos modelos historiográficos citados. Passa a ser possível pensar formas de historiar a literatura brasileira sem que o crítico-historiador seja obrigado a se referir às suas manifestações mais incipientes, não se vendo na obrigação de atrelar literatura e descobrimento político do país. Ficam cientes de que é possível

<sup>22</sup> Todos os livros citados que tratam da história da literatura brasileira tocam na questão da origem, do início, e, até certo ponto, mas de maneira ausente de toda e qualquer forma de crítica, uma vez que se trataria de um conceito mais elaborado, do processo de *formação* da literatura brasileira. Para ficarmos com um exemplo dos mais significativos, Alfredo Bosi inicia a sua *História concisa da literatura brasileira* da seguinte forma: “O problema das *origens* de nossa literatura não pode formular-se em termos de Europa, onde foi a maturação das grandes nações modernas que condicionou toda a história cultural...” (BOSI, 1994: 11, grifos do autor).

<sup>23</sup> Basta vermos o ensaio de Machado de Assis, “Instinto de nacionalidade”, que foi escrito tendo em vista o debate intelectual em torno do assunto que já era polêmico à época (ASSIS, 1999: 9-36).

<sup>24</sup> (Cf. DENIS, 1978: p. 35-82).

estabelecer uma tese e desenvolvê-la com sucesso e rigor estando distante do “costume” consagrado.

Pode-se dizer que é inegável, para uma parcela da crítica literária, que a noção de historiografia literária somente encontra sentido a partir do momento em que se põe a pensar e a discutir a questão da origem, a partir do momento em que se fala e em que se discute o seu processo de formação, indicando que, antes de tudo, é preciso definir os critérios teóricos e críticos a serem adotados com os seus pressupostos. Com a *Formação da literatura brasileira*, pode-se afirmar, como alguns críticos afirmam, que um autor brasileiro se propõe, de maneira sistemática, a elaborar uma teoria da literatura brasileira que justificaria e daria sentido às ideias crítico-literárias do conjunto das produções literárias nacionais. Pode-se dizer, também, que daria sentido à compreensão do processo de formação dessa literatura, deixando explícito que seria possível colocar em perspectiva crítica e histórica o sentido de muitas das ideias de escritores e críticos literários brasileiros, não somente desde o início da primeira metade do século XIX, mas, sobretudo, desde esse momento e os momentos posteriores usados para destacar um processo de formação da literatura brasileira embasado em uma “continuidade literária” (CANDIDO, 2006: 25) que está presa a uma gama de pressupostos crítico-teóricos a que Antonio Candido busca dar organicidade e sentido. Mas também, busca, com isso, colocar em perspectiva crítica e histórica tudo que se fez antes e depois desse momento histórico e crucial para as letras brasileiras. No entanto, para alguns críticos literários, Haroldo de Campos, Abel Barros Baptista, Leda Tenório da Motta, a simples ideia de que Antonio Candido se apropriou e desenvolveu um ponto de vista, tomado como pressuposto crítico-literário já vigente no século XIX, como marca do nacionalismo literário, e até bem expresso, parcialmente, por Machado de Assis em seu ensaio, “Instinto de nacionalidade”, é visto com desaprovação e escândalo.

### **Referências Bibliográficas**

ARANTES, P. E. Sentido da formação. In: ARANTES, P. E.; ARANTES, O. F. *Sentido da formação*. Três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Melo e Souza e Lúcio Costa. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 7-66.

ARRIGUCCI JR., D. *Questões sobre Antonio Candido*. O guador de segredos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ASSIS, M. de. Instinto de Nacionalidade. In: \_\_\_\_\_. *Instinto de nacionalidade e outros ensaios*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1999. p. 9-36.

BAPTISTA, A. B. O cânone como formação: teoria da literatura de Antonio Candido. In: *O livro agreste*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 41-80. (Ensaio).

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.  
\_\_\_\_\_. Por um historicismo renovado. Reflexo e reflexão em história literária. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 7-53.

BURKE, P. *A escola dos annales*. 1929-1989. São Paulo: Editora Unesp, 1990.

CANDIDO, A. *A educação pela noite*. 5. ed. Revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006. p. 169-196.

\_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira*. Momentos decisivos 1750-1880. 10 ed. Revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

\_\_\_\_\_. *O discurso e a cidade*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.

\_\_\_\_\_. *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. 144 p.

CAMPOS, H. de. *O sequestro do Barroco na formação da literatura brasileira*. O caso Gregório de Mattos. Bahia: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

COMPAGNON, A. *O demônio da teoria*. Literatura e senso comum. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

COUTINHO, A. *A literatura no Brasil*. 3 ed. Revista e atualizada. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986. 6 v.

\_\_\_\_\_. *A tradição afortunada*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

\_\_\_\_\_. *Crítica e críticos*. Rio de Janeiro: Simões Editora, 1969.

\_\_\_\_\_. *Da crítica e da nova crítica*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1957.

DENIS, J.-F. Resumo da história literária do Brasil. In: CÊSAR, G. (Seleção e Apresentação). *Historiadores e Críticos do Romantismo – 1: a contribuição europeia, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: LTC; São Paulo: USP, 1978. p. 35-82.

DOSSE, F. *A história em migalhas*. Tradução de Dulce A. Silva Ramos. São Paulo: Editora da Unicamp/Editora Ensaio, 1992.

\_\_\_\_\_. *História do estruturalismo*. I. O campo do signo, 1945/1966. São Paulo: Editora da Unicamp/Editora Ensaio, 1993a.

\_\_\_\_\_. *História do estruturalismo*. II. O canto do cisne, 1967/1985. São Paulo: Editora da Unicamp/Editora Ensaio, 1993b.

MERQUIOR, J. G. *De Anchieta a Euclides*. Breve História da Literatura Brasileira - I. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

\_\_\_\_\_. O texto como resultado (Notas sobre a teoria da crítica em Antonio Candido). In: LAFER, C. (Org.). *Esboço de figura*. Homenagem a Antonio Candido. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979. p. 121-132.

MOTA, C. G. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1977.

MOTTA, L. T. da. O arbusto de segunda ordem no jardim das musas. In: DURÃO, F. A.; SANTOS, A. C. dos; SILVA, M. das C. G. V. *Desconstruções e contextos nacionais*. Rio de Janeiro: 7 Letras, s/d.

\_\_\_\_\_. *Sobre a crítica literária brasileira no último meio século*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

ROMERO, S. *História da literatura brasileira*. 6. ed. Organizada e prefaciada por Néelson Romero. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1960. 5v.

SCHWARZ, R. *Saudação honoris causa*. Sequências brasileiras. São Paulo: Companhia das Letras, 1999c. p. 9-16.

\_\_\_\_\_. Um crítico na periferia do capitalismo. *Pesquisa Fapesp*, São Paulo, n. 98, abr. 2004. p. 12-19. (Entrevista concedida a Luiz Henrique Lopes dos Santos e Mariluce Moura).

\_\_\_\_\_. *Um mestre na periferia do capitalismo*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.

SILVA, J. N. de S. *História da literatura brasileira e outros ensaios*. Organização, apresentação e notas por Roberto Arcízelo de Souza. Rio de Janeiro: Zé Mario Editor, 2002.

SOUSA, G. de M. e. *O tupi e o alaúde*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2003.

SÜSSEKIND, F. *Literatura e vida literária*. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. 161p.

\_\_\_\_\_. Ou não? Notas sobre a crítica de Davi Arrigucci e Roberto Schwarz. In: \_\_\_\_\_. *Papéis colados*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. p. 37-56.

VERÍSSIMO, J. *História da literatura brasileira*. De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). São Paulo: Editora Letras e Letras Ltda., 1998.

Recebido em março 2012

Aceito em maio 2012